



**FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM PIRENÓPOLIS/GOIÁS:
APONTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS**

Érica Danielle de Mesquita¹

Universidade Estadual de Goiás
Pirenópolis, Goiás, Brasil
mesquitadanielle@hotmail.com

Alexandre Francisco de Oliveira²

Universidade Estadual de Goiás
Pirenópolis, Goiás, Brasil
xandepiri@hotmail.com

Resumo: A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis é uma manifestação do catolicismo popular bastante divulgada em Goiás, no Brasil e no mundo; por isso já foi objeto de investigação de vários fotógrafos, cineastas, roteiristas, redes de televisão e principalmente por pessoas ligadas à produção do conhecimento científico. Por isso a Festa do Divino e também as Falias, uma das manifestações que compõe a Festa maior, são bastante estudadas, contribuindo assim para registro e divulgação dos conhecimentos ligados à manifestação cultural pirenopolina e que recentemente teve reconhecimento patrimonial. A proposta desenvolvida visa fazer um breve estudo sobre algumas das dissertações e teses em que recentemente tiveram por objeto, mesmo que não principal, a Folia do Divino Espírito Santo que acontece em Pirenópolis, com o objetivo de propiciar diálogos com as observações que foram realizadas em campo por ocasião dos “giros” das Falias no ano de 2013.

¹ Acadêmica vinculada a Universidade Estadual de Goiás por meio do Programa Voluntário de Iniciação Científica PVIC/UEG pelo projeto: “Girando Folia: apontamentos turísticos e gastronômicos em uma das devoções ao Divino Espírito Santo – Pirenópolis/Goiás” e também ao Projeto: “Arte e saberes nas manifestações católicas populares” aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — Fapeg. Sob a orientação do professor Dr. João Guilherme de Trindade Curado.

² Acadêmico vinculado a Universidade Estadual de Goiás por meio do Programa Voluntário de Iniciação Científica PVIC/UEG pelo projeto: “Girando Folia: apontamentos turísticos e gastronômicos em uma das devoções ao Divino Espírito Santo – Pirenópolis/Goiás” e também ao Projeto: “Arte e saberes nas manifestações católicas populares” aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — Fapeg. Sob a orientação do professor Dr. João Guilherme de Trindade Curado.

Palavras-chave: Folia; Referências Bibliográficas; Pirenópolis

Breve Histórico

A Festa do Divino Espírito Santo na sua transposição do Atlântico para chegar ao Brasil, contava com todo um imaginário religioso popular, principalmente por parte significativa da comunidade ibérica. Assim, se faz necessário a exposição de breves relatos sobre a constituição de tal devoção.

Segundo Maria Michol Pinho Carvalho (2008) a Festa do Divino Espírito Santo constitui-se em uma secular tradição religiosa, originária de Portugal, mas que se difunde em diferentes regiões brasileiras, com dimensões próprias e significativas peculiares. Ainda segundo a autora:

de fato, é a (re)significação, na ótica do catolicismo popular, de uma festa cristã — Pentecostes, com a manifestação do *Espírito Santo aos Apóstolos* — assentada em rituais barrocos de uma “*Corte Imperial Simbólica*”. É uma festa eminentemente ritualizada que exige um complexo processo de preparação, envolvendo uma ampla rede de relações entre todos os participantes, durante um longo período e, mesmo, o ano todo, em alguns festejos (p. 03).

Ao propormos o estudo sobre a Folia do Divino Espírito Santo, parte constituinte da Festa do Divino em Pirenópolis/Goiás, nos deparamos com este complexo processo de preparação apontado por Carvalho (2008), que mobiliza importante parte da comunidade pirenopolina por períodos significativos.

Buscando pistas que nos remeta às origens das festas em homenagem ao Divino Espírito Santo nos deparamos com outra contribuição de Carvalho (2008) que afirma que: “na busca de demarcar suas origens, chega-se a Portugal, remontando-se às celebrações a partir do século XIII em torno da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, reverenciada com banquetes e distribuição de esmola aos pobres” (CARVALHO, 2008, p. 03). Outra colaboração advém de Carlos de Lima que explica que: “a Festa do Divino Espírito Santo teve sua origem em Portugal, com a construção da Igreja do Espírito Santo, em Alenquer, estabelecida pela rainha Dona Isabel, no século XIII” (LIMA, 1981, p. 21).

No entanto, há de se considerar de que entre os estudiosos desta festa existe uma versão de que, embora a Rainha Dona Isabel seja oficialmente reconhecida como instituidora da festa em homenagem ao Divino Espírito Santo, ela teria, de na verdade, sido a

continuadora e reformadora do culto ao Divino (BARBOSA, 2002) então já existente, conforme explica Barbosa:

e, nesta via interpretativa, o instituidor do culto ao Divino Espírito Santo é o monge cisterciense *Joaquim de Fiori* que viveu de 1135 a 1202, sendo considerado um santo e cujo ideário havia se difundido na Europa. A ele é atribuído a difusão de idéias que originou, o franciscanismo, na defesa de uma igreja mais ligada aos pobres, constituindo uma perspectiva de ruptura, face à Igreja Medieval, violenta e voltada para o acúmulo de riquezas (2008, p. 03).

Ao aprofundar um pouco mais sobre as origens da Festa do Divino em Portugal, Carvalho chega ao seguinte relato:

segundo registros históricos, o monge Fiori, depois de longos anos de retiro no deserto, teve uma revelação acerca da vinda próxima de uma nova era de relações entre os homens sobre a Terra: a época do Espírito Santo. Nesta sua visão profética, Fiori sustentava uma compreensão dos tempos divididos em “eras” a partir do modelo da Trindade. Nesta lógica, a humanidade teria já ultrapassado a “época do Pai” e estaria terminando a “era do Filho”. E, assim, estaria para chegar a “era do Espírito Santo”, marcada pelo advento da paz, do amor, da bondade entre os homens do mundo. Joaquim de Fiori procurou difundir essas suas idéias e, sobretudo, essa sua revelação, sendo então, perseguido e conquistado muito adeptos que, também, sofreram castigos e perseguições. Com a colonização do Brasil, presume-se que inúmeros adeptos da nova crença migraram para as terras brasileiras, aí difundindo o culto ao Divino Espírito Santo (p. 03).

A crença e grande devoção ao Divino Espírito Santo talvez venha das ideias de busca de um novo tempo, em que a fraternidade entre os homens fosse maior, nada mais natural do que se via no contexto de revoltas em que foi instituído, oficialmente, por uma rainha, o culto ao Divino.

A Festa do Divino Espírito Santo, com seu Império, fundado em rituais e simbologia de realeza, encarna fé e imaginário, tendo como base um episódio bíblico: a descida do céu do Espírito Santo, em forma de línguas de fogo, sob os apóstolos de Jesus, transmitindo-lhes sabedoria e força, de modo que eles, homens simples, passaram a pregar o Evangelho em várias línguas (Atos dos Apóstolos, capítulo 2, 1,13). É a festa de Pentecostes, considerado um dos mistérios da religião cristã, revelando uma das três pessoas da Santíssima Trindade, ao lado do Pai e do Filho: o Espírito Santo, representado iconograficamente [sic.], por uma pomba (CARVALHO, 2008, p. 5).

A pomba em questão manteve-se como símbolo desde a transposição da religiosidade portuguesa para o Brasil e se mantém como ícone ainda hoje nas mais diversas localidades em que a Festa do Divino Espírito Santo acontece em terras brasileiras, quase sempre, ligada diretamente com a tradição da cultura popular, sendo poucas as celebrações diretamente conduzidas pela Igreja.

De acordo com Câmara Cascudo a Festa do Divino Espírito Santo foi trazida para o Brasil no século XVI (2012, p. 266), sendo que ainda vivem nos “Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Maranhão, Amazonas, Espírito Santo, Goiás” e também no Distrito Federal (2012, p. 266).

Complementando a extensão territorial em que a Festa do Divino acontece, recorremos às investigações de Marise Barbosa que identificou que as Festas do Divino “podem ser encontradas em alguns estados do Brasil: Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul” (BARBOSA, 2002, p. 44).

Outros pesquisadores apontam que a Festa do Divino acontece pelo Brasil afora, de norte a sul e de leste a oeste, sendo que apresentam características diferentes e às vezes, até mesmo, divergentes, mas sempre tendo como elemento simbólico a bomba branca, a coroa, a bandeira e demais elementos simbólicos e festivos.

A tradição ao chegar ao Brasil se difunde entre as diversas regiões e religiões aqui encontradas, como é o caso do Maranhão em que o Divino é Cultuado nos Terreiros, mostrando ainda hoje os fortes traços de nossa colonização, quando os africanos incluíram santos de devoção portuguesa em suas religiões para que os cultos de matriz afros não fossem extintos.

Festa do Divino em Pirenópolis

A Festa do Divino Espírito Santo acontece em Pirenópolis, desde pelo menos o ano de 1819, conforme os primeiros registros encontrados, segundo nos informou Jarbas Jayme, em sua obra *Esboço Histórico de Pirenópolis* (1971). É, no entanto, uma festa de grandes proporções espaços-temporais e que foi aglutinando diversas outras representativas manifestações culturais.

Com duração de doze dias, tem seu ápice no Domingo do Divino, 50 dias após a ressurreição. Mesclada de festejos religiosos e profanos é constituída por novena, folia, procissão, missa, tiros de roqueira, mascarados, cavalcadas, pastorinhas e apresentação de diversos grupos folclóricos.

A festa do Divino vem de épocas remotas, instituída em Portugal pela rainha Isabel, foi trazida, ao Brasil, pelos jesuítas, que por meio dela conseguiam atrair negros e índios para o seu credo. No decorrer dos anos, foi assimilando os costumes do povo brasileiro e incrementando-se com vários folguedos profanos. Em Pirenópolis, foi introduzida na segunda metade do século XVIII, tendo notícias mais detalhadas de sua realização somente a partir de

1819. “É esta a festa de maior pompa que se realiza na cidade”, conforme explicou Curado (1980).

Carlos Rodrigues Brandão realizou dois importantes estudos sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, o primeiro tendo por temática as Cavalhadas (1974) que remonta o mundo rural por meio dos cavaleiros e suas práticas equestres e que vem se tornando um grande atrativo cultural para a cidade desde a década de 1980. Posteriormente, em 1978, o antropólogo amplia a perspectiva de pesquisa para outras manifestações que acontecem por ocasião da Festa do Divino em “O Divino, o Santo e a Senhora”, uma referência indispensável no que se refere ao estudo da Festa do Divino que é realizada em Pirenópolis.

Sobre o “Divino”, Brandão descreve não só a Festa em si, mas também os preparativos e os acontecimentos envolvendo o Imperador, figura central e condutor da festividade. Sobre o “Santo” faz uma análise do Juizado de São Benedito, que deslocado de sua data festiva original passou a compor a festa do Divino, na terça-feira. A “Senhora”, uma referência a Nossa Senhora do Rosário, padroeira da cidade que também teve sua comemoração aglutinada na segunda-feira pela Festa do Divino em Pirenópolis.

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito são festejos de negros escravos do século XVIII, que ocorrem, todos os anos, em Pirenópolis/Goiás durante a festa do Divino Espírito Santo. Não há uma data precisa da junção destas festividades, mas sabe-se que São Benedito e Nossa Senhora do Rosário são comemorados em Pentecostes desde o final do século XIX.

Os referenciais ritualísticos que concorrem para a estruturação desses festejos são obtidos no catolicismo popular, tendo como centro de sua realização dois dias no calendário das comemorações ao Divino Espírito Santo: segunda-feira dedicada a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e terça-feira a São Benedito.

No domingo que antecede o Domingo de Pentecostes, após a novena do Divino, tem-se o ritual de benzimento das bandeiras destes dois santos que é realizado na Igreja da Matriz. Em seguida essas bandeiras são conduzidas por um pequeno cortejo até à frente da Igreja do Bonfim onde são levantadas nos mastros acompanhadas da queima das fogueiras e por fogos de artifícios.

Nas manhãs de segunda e terça-feira, após o domingo do Divino, têm-se os cortejos do Reinado e do Juizado. As missas e a farta distribuição de “doces” (salgados e/ou doces de frutas) e bebidas, principalmente os licores, acontecem nas casas do Rei, da Rainha e dos Juízes. Tudo isso acompanhado pelas bandeiras dos santos homenageados, pelas insígnias

(coroas de prata, quadros, prato do andador e as varas de madeira e de prata dos Juízes), presentes à frente dos quadros onde estão as figuras máximas: Rei, Rainha e Juízes. Em seguida vem a Banda de Couro — banda típica do Reinado e Juizado —, Banda de Música, Congada, Congos e demais acompanhantes.

O interessante é refletir sobre a dinâmica das manifestações populares, uma vez que Brandão (1978) menciona a possibilidade de extinção do Juizado de São Benedito e do Reinado de Nossa Senhora do Rosário devido ao pouco interesse demonstrado pelos pirenopolinos sobre aquelas manifestações, observações realizadas no final da década de 1980. Em estudo recente sobre o Reinado e Juizado, Lôbo (2006) ao investigar tais festividades, pela ótica geográfica, demonstrou que elas vêm se tornando um importante espaço de atuação e de expressão da comunidade pirenopolina mediante a espetacularização da Festa do Divino, o que fez que passassem a novamente serem grandes e concorridas festas frequentadas em sua maioria pela comunidade local.

Situação semelhante ocorre em relação à Folia, uma vez que Brandão aponta que: “as folias rurais de ‘foliões cavaleiros’ foram grandes e muito solenes no passado” (1978, p. 34); no entanto, continua o autor ao investigar a folia naquela mesma época, apontando que ela, a Folia, não possui “a mesma pompa e o mesmo significado dentro da Festa” (BRANDÃO, 1978, p. 35).

Brandão encerra o estudo sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis esboçando um gráfico esquemático, por ele elaborado, que abarca as manifestações que ocorrem por ocasião da Festa do Divino, em que é possível visualizar a Folia no que ele classificou como sendo o “domínio religioso” do Espírito Santo. Entretanto, relembra que a Folia não costumava aparecer na programação oficial da Festa.

A partir da década de 1970 a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis passou a contar com o apoio do órgão estadual goiano de Turismo, o que acabou por contribuir para ampliar a divulgação da festa, com destaque para as Cavalhadas, que passou a se sobressair das demais manifestações que ocorrem na cidade por ocasião das comemorações a Pentecostes.

A alta exposição da Festa do Divino de Pirenópolis em diversas mídias estimulou a produção de várias pesquisas sobre esta festividade, sendo que as Cavalhadas é quase sempre o objeto principal de investigação. Dentre as mais recentes produções sobre a Festa do Divino em Pirenópolis destacamos o programa Profissão Repórter, exibido pela Rede Globo em julho deste ano, que ao abordar as festas populares pelo Brasil trouxe uma interessante cobertura

sobre as Cavalhadas, assim como conseguiu ressaltar a importância da festa para a comunidade local.

Em se tratando de produções bibliográficas a pesquisa mais recente, destacamos a dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2009, por Céline Spinelli, cujo título: “Cavaleiros de Pirenópolis — etnografia de um rito eqüestre”. Em que a autora afirma que: “pela programação oficial, a festa se inicia cerca de duas semanas antes da data de Pentecostes, com a saída das folias” (2009, p. 29). A pesquisa de Céline, mesmo voltada para as Cavalhadas ao abordar a Folia, é uma das primeiras a apresentar a divisão recente que teve tal manifestação, em: Folia da Roça, a que gira pela área rural e que foi dividida em duas: a Folia Tradicional e a Folia do Padre, uma Folia que foi criada pela Igreja no intuito de preservar os aspectos mais religiosos de tal manifestação, inclusive com realizações de missas durante cada um dos pousos.

Importante trabalho sobre a Festa do Divino em Pirenópolis foi a dissertação de Silva, que foi transformado em livro publicado em 2001, em que a autora trabalha com a história da Festa, e apresenta algumas informações históricas sobre a Folia. O trabalho apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Goiás já se tornou uma referência no estudo sobre a Festa do Divino, antes mesmo de ser publicado em livro.

Sobre a Folia, Silva denominou o subtítulo que trata do assunto como “Folia, a festa dos excessos” (2001, p. 99), uma vez que durante os campos que realizados por ela teve a oportunidade de observar que a Folia foi ora permeada pela tolerância da Igreja, ora caracterizada por críticas e até mesmo proibições de realização do giro. Assim, apresenta um significativo histórico da Folia em Pirenópolis, recorrendo, principalmente aos arquivos eclesiásticos, que lhe possibilitaram a afirmativa de que “a folia não deixaria de existir, seria apenas modificada lentamente. Mas representou um dos aspectos mais resistentes das festas do Divino” (SILVA, 2001, p. 111).

Outra fonte importante foi a tese defendida no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro por Carlos Eduardo Santos Maia (2002) que realizou um estudo sobre a Festa em Pirenópolis e da rede festiva por ela tramada, considerando várias etapas da preparação até o desmonte da festa, criando assim, um “ciclo festivo”, que considera a Folia como um dos pontos iniciais da festa do Divino. Outro destaque é a divisão das etapas da festa que podem ser também aplicadas às Falias, pela representatividade das atividades desenvolvidas e que foi por ele assim apresentada: a) primeira fase: preparação; b) segunda fase: realização, e c) terceira fase: desativação (MAIA, 2002, p. 12).

Pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Pirenópolis, recorremos há dois Trabalhos de Conclusão de Cursos que pesquisaram aspectos relacionados com a Folia; um apresentado por uma acadêmica do Curso de Tecnologia em Gastronomia, que aborda sobre a fartura da comida servida durante a Folia Rural (OLIVEIRA, 2009); já pelo Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo o estudo contribuiu para melhor compreensão sobre as relações existentes entre o Turismo e a Folia (PINTO, 2009). Mesmo sendo trabalhos que exigem maior aprofundamentos, devido a natureza que representam — Iniciação Científica — tiveram relevância na proposta de análise do levantamento bibliográfico realizado, objeto desta investigação.

Folia do Divino Espírito Santo

A culinária é um meio pelo qual a natureza é transformada em cultura. Assim, a questão da comida, aponta a diferença entre alimento e comida: onde na sua simplicidade a comida, como na Folia é um tanto grosseira, bem pesada, mas, ao mesmo tempo é gostosa, conquistando assim seu valor e se tornando um aspecto da cultura local. Ao falar da Folia já se fala também em sua farta e boa comida, que foi o que a tornou comida de Folia por ser farta e por ser o tipo de comida ligada à ruralidade, uma vez que a maioria dos ingredientes típicos da produção rural é disponível na maioria das fazendas em que os pousos são promovidos.

Mantidos através de gerações, os rituais traduzem mensagens, valores sentimentais em diversos momentos da Folia são de extrema importância para os partícipes. Dentre os rituais os ligados a comida são os mais comuns, sendo praticados em muitos lugares e variando de acordo com a condição social dos anfitriões. Alguns donos de pousos recebem ajuda financeira, mantimentos ou mesmo auxílio com mão de obra de familiares, vizinhos e amigos na preparação dos festejos tão simbólicos para a população local.

O cardápio já não é mais tão variado como antigamente, quando os antigos coronéis preparavam enormes banquetes, uma linda festa que contava com convidados especiais. Uma das variáveis responsável pela mudança do cardápio foi a grande quantidade de pessoas frequentando recentemente as festividades, sendo convidada ou não, na atualidade a Folia recebe muitas pessoas de cidades vizinhas.

Enquanto preparativo para a produção alimentar da Folia, antigamente era feita a engorda de bois e de capados; coincidia-se o período com a colheita de arroz, milho e feijão ser um pouco antes das festividades, o que corroborava para que fosse servido um farto

banquete. Faziam uso de produtos da própria fazenda, diferentemente de hoje quando recorrem aos supermercados.

O Cardápio atual é composto por quitandas no café da manhã, e nas refeições: caldo de mandioca com costela, feijão de caldo, feijão tropeiro, arroz branco, arroz com carne, arroz com frango, macarrão com molho ou com carne moída, farofas de carne ou jiló, saladas cuja base é o tomate e repolho. São servidos como sobremesas: doce de leite, doces de frutas cristalizadas ou em caldas.

A comida para um festejo como a Folia é preparada com todo o cuidado e antecedência. Primeiro é organizado um espaço próprio para o momento, uma cozinha separada e geralmente provisória pelo tamanho que demanda. As taxas usadas na fabricação de rapaduras servem como panelas, visto que a quantidade de comida é bem farta; o que exige a construção provisória de fogões em barro para sustentar tais recipientes em que serão feitas as comidas.

Os moradores que receberão o pouso da Folia em suas casas vão em busca de ajuda bem antes das festividades, com o intuito de conseguir doações de alimentos para as várias refeições, além de colaboração para ajuda em serviços que em sua maioria são prestados por vizinhos de fazendas e parentes.

Vale ressaltar que um dos trabalhos que mais contribuíram para esta investigação inicial sobre a Folia, foi a pesquisa desenvolvida por Felipe Berocan Veiga, resultante da Dissertação em Antropologia (2002), parte da qual se constitui nos relatos de campo por ele realizado e que tem sido importante apoio nas descrições das observações iniciais por nós empreendidas nas Falias deste ano. A etnografia por ele realizada passou a estimular a escrita de observações que pensávamos ser banais, mas que contam muito sobre a manifestação observada, pois contribuem para melhor explicação do que é participar da Folia e das inúmeras atividades que tal participação abarca, desde o planejar, deslocar, alimentar-se, participar dos momentos rituais e dos demais, assim como melhor compreender a devoção que faz a cada ano um intenso deslocar por entre fazendas aconteça.

Também como frutos da pesquisa, Veiga publicou em 2005, um texto sobre a “entrega da Folia” na casa do Imperador do Divino, ocorrida no ano de 1994. Todo o giro da Folia estava sendo gravado pelo programa Globo Rural e no ato da entrega das Bandeiras da Folia na casa do imperador, momento final da Folia, o Alferes Otávio, que comandava a Folia há mais de vinte anos falece, foi um momento de comoção geral e que analisado por Veiga evidencia os aspectos também de revelação ligados á devoção ao Divino Espírito Santo em Pirenópolis.

Em estudo posterior, realizado pelo mesmo autor, (VEIGA, 2008) apresenta uma análise antropológica do código alimentar da Festa do Divino, em que a Folia mereceu um bom destaque, pois durante o “giro” são preparadas muitas refeições para um sem número de pessoas.

As observações mencionadas acima que podem ocorrer nas festas em louvor ao Espírito Santo nas mais diferentes regiões do Brasil, o que também ocorrem com as Folias que variam de acordo com o local em que ocorrem como é o caso de Jequitibá (MG) em que diferentemente de Pirenópolis (GO) as folias ocorrem de forma distinta, sem se integrarem a uma festa maior, ocorrendo de forma desmembrada, sendo cultuados cada santo em seu respectivo dia, sendo que na cidade mineira a Folia ocorre somente em um dia durante o período da tarde.

Ainda em Jequitibá é possível verificar que durante os 12 meses do ano, com ritos e tradições particulares, e sob domínio de famílias que durante a festividade deixam suas profissões para se tornarem foliões e levarem a fé e a tradição local às demais pessoas que os convidam como forma de pagamento de promessa retribuindo com um jantar aos foliões, como descrevem Fábio Costa Pedro e Reinaldo Dias em “Patrimônio Imaterial e turismo: o caso do município de Jequitibá-MG”, estudo realizado em 2008.

Lá, como aqui, as folias são grupos precatórios de inspiração religiosa católica integrada por cantores e instrumentistas que homenageiam os santos através de orações cantadas, saindo às ruas e visitando as casas para pagamento de promessas.

As folias de Jequitibá contam com número variado de componentes, entre 7 e 30 integrantes, cujas apresentações se realizam nas ruas e nas casas onde o anfitrião solicita o comparecimento da Folia como parte do pagamento de graça obtida, no que é sempre seguido de um jantar para os convidados. Apresenta semelhanças com as Folias do Divino que acontecem no centro-oeste, uma vez que é mais voltada para os homens, mesmo que na atualidade podemos notar mulheres presentes nos “giros”, mas é algo pouco aceitável ainda. Na maioria das vezes, cabem às mulheres importantes funções nos festejos, pois são elas as responsáveis pela organização das casas e preparação dos alimentos, por exemplo; porém são um tanto “invisíveis” quando aos homens cabem as maiores responsabilidades cultural e religiosa.

Considerações Finais

A obra sobre Jequitibá – MG traça perguntas importantes afinal o foco da pesquisa dos dois autores é analisar os benefícios e malefícios de uma tradição quando registrada pelo

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como patrimônio imaterial e utilizado para o desenvolvimento de atividades ligadas ao turismo, principalmente como fonte de renda, no caso mineiro em específico, para os participantes e não participantes da folia. Diante dos inúmeros questionamentos Pedro e Dias (2008) apontam para fatores como os meios de divulgação e propaganda e suas contradições entre o preservar e o alterar as manifestações. Apontam ainda que a presença do excursionista ou turista estimula os ritos e as crenças, garantindo sua permanência, reforçando a fé e estimulando a dança e o canto que, antes, ficavam confinados à comunidade. Desta maneira a cidade de Jequitibá tem nas folias os seus principais atrativos culturais que se apresentam durante o ano obedecendo ao ciclo das festas na cidade e ainda o Festival do Folclore, principal evento da cultura local.

Ainda segundo os autores as festividades vão se adaptando e dessa forma chamando a atenção de jovens que irão manter viva a tradição, reforçando a ideia que essas manifestações seculares não irão terminar, e que a população não se adaptará à festa, mas que esta se adaptará aos gostos da nova geração.

Diante do exposto, é nossa intenção aprofundar as leituras e sistematizar as observações que realizamos em campo sobre a Folia do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, que passou por um processo de reconhecimento como patrimônio cultural do Brasil, mas que ainda carece de investigações sobre as influências que tal título sobreporá nas festividades, em especial a Folia.

Referências

BARBOSA, Marise Glória. *Umas mulheres que dão no couro: as caixeiras do Divino no Maranhão*. São Paulo: PUC/SP, 2002. (Mestrado em História).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cavalcadas de Pirenópolis*. Goiânia: Oriente, 1974. 180p.

_____. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1978. 159p.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Global, 2012. 756p.

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. *Divino Espírito (re)ligando Portugal/Brasil no imaginário religioso popular*. In: *Anais do VI Congresso Português de Sociologia — mundos sociais: saberes e práticas*. Universidade Nova de Lisboa: Lisboa, 2008. 14p. (CD-Rom).

CURADO, Glória Grace. *Pirenópolis: uma cidade aberta para o turismo*. Goiânia: Oriente, 1980. 176p.

JAYME, Jarbas. Esboço Histórico de Pirenópolis. Goiânia: UFG, 1971. Vols I e II. 624p.

LIMA, Carlos de. Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão). Departamento de Cultura do Estado. São Luís, 1981.

LÔBO, Tereza Caroline. A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis/Goiás. Goiânia: IESA/UFG, 2006. 152f. (Mestrado em Geografia).

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavaleiresca e sua rede organizacional. Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2002. 300 f. (Doutorado em Geografia).

OLIVEIRA, Keila Dasdores. A farta comida servida na Folia do Divino Espírito Santo na zona rural de Pirenópolis — Goiás. Pirenópolis: Curso de Tecnologia em Gastronomia. UEG/UnU-Pirenópolis, 2009. 19f. (Trabalho de Conclusão de Curso).

PINTO, Divino da Silva. A Folia do Divino como atrativo turístico. Pirenópolis: Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo. UEG/UnU-Pirenópolis, 2009. 31f. (Trabalho de Conclusão de Curso).

SILVA, Mônica Martins da. A festa do Divino: Romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis (1890-1988). Goiânia: Agepel, 2001. 229p.

SPINELLI, Céline. Cavaleiros de Pirenópolis — etnografia de um rito equestre. Rio de Janeiro: PPGSA/UFRJ, 2009. 212f. (Mestrado em Antropologia).

VEIGA, Felipe Berocan. A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito. Niterói: PPG em Antropologia e Ciências Políticas/UFF, 2002. 220f (Mestrado em Antropologia).

_____. A folia continua: vida, morte e revelação na Festa do Divino de Pirenópolis, Goiás. In: CARVALHO, Luciana (Org.). Divino toque do Maranhão. Rio de Janeiro: Iphan/ Cnfc, 2005. pp. 83-94.

_____. Os gostos do Divino: análise do código alimentar da festa do Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás. In: Candelária – Revista do Instituto de Humanidades. Rio de Janeiro. Ano V, jan-jun/2008. p. 135-150.